

Tecnologias assistivas



Como é o lugar
quando ninguém passa por ele?
Existem as coisas sem serem vistas?

[Carlos Drummond de Andrade]

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, garante o direito de todos à educação. Nesse sentido, muitos estudos discutem a educação inclusiva, apontando para uma escola que atenda às diferenças, principalmente no que se refere à inclusão de pessoas com deficiências no ensino regular.

Muitas foram as contribuições internacionais que reafirmaram o direito à educação para todos, enfatizando a igualdade e a não discriminação. Há, então, a tentativa de inclusão de pessoas com deficiências na escola, já que são cidadãos comuns e a lei vale para todos. Paralelo a toda essa discussão, surge o *boom* da tecnologia e, agora, outro impasse: a inclusão digital. Mas como incluir digitalmente uma pessoa com deficiência, já que é difícil sua aceitação no ensino regular?

Dessa maneira, faz-se necessária a tessitura deste artigo, com o objetivo de proporcionar ao professor uma reflexão sobre sua ação docente que o auxilie a desenvolver novas práticas de ensino,


capazes de contribuir com a inclusão digital de pessoas com deficiências. É sabido que muitas são as barreiras existentes para que o processo de inclusão no laboratório de informática aconteça de forma eficaz. Entre elas, a que mais chama a atenção é a não formação dos docentes para trabalhar com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no desenvolvimento e inclusão das crianças com deficiências.

Sabe-se que, apesar de a diversidade estar presente na escola, muitos professores preferem negá-la, já que buscam uma sala de aula homogênea. Portanto, é necessário, antes de tudo, formar profissionais que agreguem em seu cotidiano um trabalho diferenciado e especializado, com muitos recursos de acessibilidade que garantam a inclusão de crianças deficientes na sociedade. É possível encontrar métodos de trabalho eficazes para formar esses profissionais da educação, para que se tornem capazes de modificar suas práticas pedagógicas de forma consciente e verdadeira, ou seja, indo além do

discurso, realizando a inclusão de fato, considerando o contexto educativo.

Assim, é preciso pensar de forma reflexiva a formação dos professores mediadores do laboratório de informática, bem como todos os outros profissionais interessados no trabalho com a educação inclusiva e o uso de tecnologia, percebendo as possibilidades da Tecnologia Assistiva para a eficácia do trabalho.

Nesse contexto, muitas são as discussões sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular, porém, pouco se fala sobre a contribuição da tecnologia nesse processo. Os laboratórios de informática possuem recursos infindáveis para trabalhar com a inclusão. Portanto, é fundamental que os professores mediadores do laboratório de informática estejam preparados para trabalhar com a Tecnologia Assistiva na inclusão das crianças com deficiências, para as quais, de acordo com Rita Bersch, a tecnologia torna as coisas possíveis.



Entre os poucos marcos que fazem a história da educação especial e inclusiva, tem-se junho de 1994. Foi em Salamanca, na Espanha, que se realizou a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais (NEE): Acesso e Qualidade. Com base no *princípio da inclusão* e no reconhecimento da necessidade de se ter escola, instituições e trabalho para todos, demonstrou-se que é necessário aceitar as diferenças e apoiar uma aprendizagem que atenda às necessidades educativas especiais individuais e em pequenos grupos, dando origem à hoje conhecida Declaração de Salamanca.

Cláudia Werneck salienta que na sociedade inclusiva ninguém é bonzinho. Ao contrário. Somos apenas - e isso é o suficiente - cidadãos responsáveis pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos pareça ser. Inclusão é, primordialmente, uma questão de ética.

Assim, a história revela que a educação inclusiva promove um movimento de reestruturação

social, em que família, escola e Estado estariam envolvidos na inserção social real das pessoas com deficiências, com base na integração escolar e sociocultural.

A sociedade em geral assumirá um olhar de possibilidades e competências, abandonará o olhar da incapacidade ou limitação e buscará proporcionar alternativas para o desempenho de diferentes habilidades sociais.

Por isso é tão importante buscar e discutir estratégias pedagógicas que deem sentido à prática docente, pois uma escola inclusiva precisa de profissionais capazes de criar ambientes educativos em que os diferentes alunos, com os mais diversificados percursos de escolarização, possam se desenvolver no processo de ensino-aprendizagem.

Transformações das práticas pedagógicas agregam a formação do professor, que é fundamental para a introdução da informática na educação das crianças com deficiências, pois, como afirma José Valente, não se trata de

criar condições para o professor simplesmente dominar o computador ou o software, mas, sim, auxiliá-lo a desenvolver conhecimento sobre o próprio conteúdo e sobre como o computador pode ser integrado no desenvolvimento desse conteúdo.

É importante que os docentes tenham a sua práxis baseada nas estratégias pedagógicas apoiadas pelas tecnologias, renovando e ampliando o conceito de inclusão, já que ainda são encontradas muitas dificuldades na realidade escolar.

Somos (...) cidadãos responsáveis pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos pareça ser.

É sabido que o fato de crianças com deficiências estarem presentes em salas regulares de ensino se deve à obrigatoriedade de cumprir as leis que regulamentam essa inclusão. Porém, é preciso mais do que leis: há a necessidade de preparação e formação dos professores para trabalhar com a inclusão. Será que os professores mediadores do laboratório de informática da sua escola estão preparados para isso?

A Declaração de Salamanca ressalta que os governos devem garantir que, no contexto de uma mudança sistêmica, programas de treinamento de professores, tanto em serviço como durante a formação, incluam a provisão de educação especial dentro das escolas inclusivas.

Este é um dos objetivos maiores para a inclusão escolar de fato: trabalhar a formação do profissional, capacitá-lo. Observa-se que

talvez não seja preciso criar mais leis e declarações acerca da inclusão de deficientes em diversos ambientes; é preciso, sim, que as leis existentes sejam cumpridas.

Segundo Werneck, a falta de formação dá origem ao preconceito. A falta de formação é o alicerce do preconceito. É sabido que a escola deve procurar meios de se organizar para a inclusão; porém, uma das condições para o seu funcionamento é a existência dos professores, que precisam estar atentos para as novas demandas e discussões da atualidade.

Programas de educação inclusiva para a primeira infância são medidas propostas pela UNESCO e publicadas em *A infância em debate: perspectivas contemporâneas*, no periódico *Coordinators' Notebook*. Para que haja eficácia no processo, tais medidas se fundamentam em alguns preceitos, como: começar pelos pais e pelas famílias, construir parcerias entre profissionais e pais, enfatizar as primeiras relações das crianças com as pessoas a sua volta, tomar consciência de que não existe um sistema único de serviços, dotar o programa de pessoal apropriado e assegurar capacitação adequada.

São medidas simples, que podem ser adotadas em qualquer escola, para garantir a inclusão de pessoas com deficiências. A família é sempre o primeiro passo, já que, muitas vezes, ela

é a maior responsável pelo preconceito, devido ao comportamento paternalista em relação à criança, que é sempre “a coitadinha”. Quando essa barreira é quebrada e a família começa a perceber que a criança é capaz de muitas coisas, o processo começa a produzir efeitos.

Paralelamente a todas essas questões, surge o crescente processo de informatização nas escolas, que exige a adequação de todos os cidadãos e força constantes inovações. Mas, quando se fala em todos os cidadãos, pensa-se em como possibilitar a tecnologia para todos eles?

Muitas são as alternativas para se trabalhar com as TICs com as crianças com deficiências. Uma delas é a Tecnologia Assistiva (TA), um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiências e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão.

O computador é usado como recurso de acessibilidade que ajuda a diminuir o preconceito e a limitação de trabalho dos professores com os alunos, pois quando são oferecidos meios para que a criança com necessidades especiais de aprendizagem interaja de forma igual com os outros ela não é mais vista como diferente.

A Tecnologia Assistiva é classificada em categorias, já que seu principal objetivo é proporcionar à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social



através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado e trabalho.

Abordamos aqui apenas a categoria Recursos de Acessibilidade ao Computador, que consiste num conjunto de hardware e software que permite maior facilidade no manuseio do computador, como acionadores, softwares de reconhecimento de voz, ponteiros de cabeça por luz, entre outros.

O trabalho com a informática na educação especial, aliado às práticas pedagógicas, é um dos fatores marcantes para o desenvolvimento de crianças com deficiências, além de contribuir para a ampliação dos conhecimentos dos docentes.

Conclusão

Quais as condições pedagógicas que têm caracterizado o atendimento dos alunos com necessidades educativas especiais? Os professores mediadores do

laboratório de informática estão preparados para contribuir de forma significativa com o avanço de crianças com deficiências?

O trabalho que originou este artigo buscou responder a inquietações como essas e, diante da interpretação de dados realizada, constatou que a formação dos profissionais envolvidos com a inclusão de crianças com deficiências é fundamental para o desenrolar do seu processo de aprendizagem. É preciso haver planejamento para que esses profissionais se entrossem e trabalhem em conjunto, em busca do desenvolvimento das crianças com deficiências. O uso das Tecnologias Assistivas no trabalho com alunos deficientes resulta em uma aprendizagem mais qualitativa e significativa. ■

*Autora da Microkids Tecnologia Educacional, pedagoga e especialista em Informática na Educação

deluzia@microkids.com.br